



Neamp

Resenha do livro de Manuel Castells, “Comunicación y Poder” (Madrid, Alianza Editorial, 2009)

Eduardo Viveiros

“O poder na sociedade em rede é o poder da comunicação”. M. Castells

Estudantes europeus voltaram às ruas no momento em que propostas anunciadas por diversos governos do continente anunciavam medidas drásticas, ajuste fiscal, cortes orçamentários, de direitos sociais e serviços públicos, caracterizando um verdadeiro desmonte do chamado Estado de Bem Estar Social. Na Itália e na Inglaterra, as mobilizações se acentuaram, fazendo lembrar os tempos da revolta estudantil de maio de 1968. As novas lutas sociais, no entanto, apresentavam-se em uma nova forma, marcadamente pelo uso intensivo das novas tecnologias de comunicação e informação e das redes sociais.

A retomada da luta estudantil nos países europeus recuperou, atualizando, alguns aspectos da tradição de 1968. Autonomia, criatividade e irreverência, próprios da juventude que se rebela em qualquer época, aliadas à reivindicação de uma reforma universitária radicalmente democrática, resultaram em táticas de luta que envolveram também pesquisadores das universidades em que os confrontos se deram com mais vigor. Além das tradicionais passeatas e mobilizações de rua, a agitação teve no debate permanente e na apresentação de propostas articuladas de mudança as características que se destacaram, principalmente, pelo uso da internet. A campanha estudantil não foi coordenada por organismos e entidades representativas tradicionais, mas deu-se em redes constituídas recentemente, sem relação direta ou vínculos com partidos, e foi articulada principalmente na internet.

A partir dos institutos universitários ocupados, e de maneira descentralizada, foram convocadas marchas, cortejos, *flashmobs* (intervenções urbanas rápidas) onde predominou a diversidade, a capilaridade e a criatividade. O número de atividades perdia o sentido, quando o que importava era destacar a cultura, a produção artística e cultural, as características dos cursos a que pertenciam os estudantes que se manifestam. Um variado conjunto de iniciativas foi produzido por poucos movimentos, articulados de maneira horizontal, predominando a



Neamp

forma de rede, encontrando na internet e nas redes sociais, principalmente, a forma principal de expressão.

O site Wikileaks, vinculado a uma organização transnacional sem fins lucrativos, está no centro de uma polêmica perseguição cibernética, e agora física e judicial, à pessoa do seu criador, o jornalista e ciberativista Julian Assange. Contando com uma extensa rede de colaboradores em todo o mundo, o site publica posts de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre os mais variados assuntos, abordando temas sensíveis a países e organismos públicos e privados. Seu comportamento tem sido atacado por diversas autoridades e reações à perseguição sofrida por Assange chegaram a apontar para o que seria a primeira infoguerra séria do século XXI.

O início da divulgação de 251.287 memorandos diplomáticos, de vários países, Estados Unidos à frente, provocou uma reação em cadeia de governos e autoridades de vários países citados nessa documentação. Jornais de diferentes partes do mundo passaram a publicar, diariamente, mensagens diplomáticas americanas, trocadas entre o Departamento de Estado e as embaixadas, algumas classificadas como “secretas” ou “confidenciais”, obtidas e reveladas pelo Wikileaks. Julian Assange chegou a ser chamado de “terrorista de alta tecnologia” pelo líder da minoria no Senado americano, senador Mitch McConnell. O escândalo provocado pela divulgação do conteúdo dos memorandos, conhecido como “Cablegate”, levou a tentativas de tirar do ar o site da organização. No início de dezembro, no entanto, o site informava no Twitter que 208 “espelhos” do site e das páginas do “Cablegate” poderiam ser acessados de qualquer parte do planeta.

Durante as operações de retomada do território antes ocupado por traficantes, na cidade do Rio de Janeiro, em fins de novembro, início de dezembro de 2010, parte da cobertura da imprensa se beneficiou de algumas ferramentas de internet, como a Twittcam, tornando possível uma cobertura online dos acontecimentos, da ação da polícia e militares, da reação de moradores dos locais onde o conflito foi mais forte, desmentindo ou confirmando versões e boatos, apresentando denúncias de violência por parte dos policiais que ocuparam as comunidades afetadas. Um jornal popular do Rio de Janeiro chegou a transmitir uma improvisada cobertura via Twittcam, em que um oficial da polícia militar dava detalhes das operações, esclarecia sobre o desenrolar dos acontecimentos e procurava tranquilizar os moradores da cidade sobre os eventos no momento em que eles se sucediam.



Neamp

Chamou a atenção na internet e depois na mídia, naquele momento, a atuação de jovens do Complexo do Alemão responsáveis pelo site e twitter Voz da Comunidade. A iniciativa já tem 5 anos e envolve também um jornal que é produzido, diagramado, editado e dirigido por um jovem, agora com 17 anos, que iniciou a atividade a partir da ação de oficinas realizadas junto a entidades e ONGs atuantes na região afetada pelas ações do tráfico de drogas. Em poucos dias o número de seguidores do twitter do jovem passou de 180 para mais de 6.500. O twitter do jornal tinha 32.200 seguidores dias após o início da operação militar. No dia da ocupação, as curtas mensagens enviadas pelo jovem recebiam retorno de várias partes do Brasil e do planeta. Algumas mensagens vinham com pedidos de entrevistas de veículos da mídia impressa e audiovisual, um deles da França.

Nos três exemplos apresentados, a reação de instituições e organismos ligados à política e à mídia tradicional demonstrou que algo está mudando nas configurações do entorno do poder e que esse processo é irreversível. Essas manifestações vêm, em certo sentido, ilustrar o resultado de dez anos de trabalho investigativo que resultaram na obra **“Comunicación y Poder”** (Comunicação e Poder) do sociólogo catalão Manuel Castells. Um dos maiores pensadores contemporâneos da sociedade em rede (conceito por ele consolidado), Castells tem analisado a reação de governos à internet e afirmado, em diferentes momentos de sua obra acadêmica e atividade política, que os governos têm medo da internet porque não possuem controle sobre ela. Acrescenta que as tentativas de fiscalização, controle ou perseguição sempre serão prioridade do poder político.

A obra se divide em 5 capítulos (El poder en la sociedad red; La comunicación en la era digital; Redes de mente y poder; Programando las redes de comunicación: política mediática, política del escándalo y crisis de la democracia e Reprogramando las redes de comunicación: movimientos sociales, política insurgente y el nuevo espacio público.) Como resultado de um longo trabalho de investigação, no entanto, seus resultados podem ser considerados incertos, pois o autor, num evento de divulgação do livro na Argentina, chegou a afirmar que “tão logo como a tinta seca começo a mudar de ideia”. Para Castells, utilizando a metáfora tecnológica, o “código fonte” de qualquer sociedade está nas relações de poder. Onde há poder, há contrapoder. Onde há dominação há resistência. Dessas relações surgem compromissos parciais que geram mudanças e novas normas. Não se toma o poder, porque ele é uma relação. Esse poder, essa capacidade relacional é usada para influenciar os valores e interesses dos que



Neamp

possuem poder. Nesse momento surge o que chama de “batalha para influenciar nossas mentes.”

A questão chave nessa produção de Castells é a questão do poder. Quem possui o poder são os que definem as “regras do jogo” em nossas sociedades, em todas as sociedades. Conhecer de onde surge e como se estrutura o poder, quem tem poder e o poder de fazer com que todos nós tenhamos que seguir esse poder, é o que define o marco social, cultural e político em que todos vivemos. O que o autor procura demonstrar nesse livro é que o âmbito em que se constrói o poder é, sobretudo, a mente humana. A batalha para influenciar nossas mentes, a construção do poder, se dá principalmente no espaço da comunicação. Para o autor, à maneira gramsciana, há duas formas de ostentar o poder: através do monopólio da violência ou através da construção de significados. O poder, para Gramsci, não se estrutura apenas sobre o controle dos aparelhos repressivos do Estado, mas se fundamenta na “hegemonia” cultural que se exerce através do controle do sistema educativo, das instituições religiosas e dos meios de comunicação.

Segundo Castells, esses mecanismos consensuais de dominação entraram numa nova etapa. Não desaparecerão, mas se definirão em novos termos, cada vez mais, na sociedade em rede. O poder, na sociedade em rede, é multidimensional. E todas essas dimensões dependem do sistema de comunicação. Transformações nesse sistema de comunicação serão cruciais para os esforços de mudança social. Baseando-se na teoria da inteligência afetiva, Castells alerta para os riscos implícitos na perda das “batalhas de comunicação”. Batalhas que só podem ser levadas a cabo se forem conservados os territórios livres (comuns) que são as redes de comunicação que a Internet tornou possíveis. Se todos os governos se perguntam sobre como controlar a Internet e seus territórios livres, é porque esses governos começam a perceber que estão perdendo a batalha da comunicação. Perseguem o mensageiro, como é o caso de Assange, mas não tem mais como controlar a mensagem...

E aqui está uma das chaves do que Castells denomina autocomunicação. Uma maneira de produzir, acessar e compartilhar mensagens (conteúdos) sem mediação. Em oposição ao meios de comunicação (à mídia), e baseada nas redes sociais. Não significa que a mídia tenha que desaparecer, e sim que o que se chama de mídia (ou meios de comunicação) deve adaptar-se à linguagem da política. Os partidos políticos seguirão sendo importantes, mas partidos contam com líderes e, necessariamente, devem passar pela mediação (pela mídia) para manter



Neamp

o protagonismo. A política do escândalo surge, então, quando a mídia (ela mesma um ator político) precisa cumprir seu papel de gerar desconfiança ou desacreditar determinado ator político. Essa política do escândalo, para Castells acabou produzindo efeitos variáveis. As crises de legitimidade, o descrédito da política e a desconfiança generalizada, efeitos que se buscam com essa política, acabam colidindo com o que o autor chama de “fadiga do escândalo”, efeito colateral que faz com que todos apareçam como igualmente corruptos. Novas formas surgem, então, deste desgaste da relação entre comunicação e poder, de uma crise de legitimidade da política midiática, institucionalizada.

A autocomunicação é um conceito devedor da Internet, dos dispositivos móveis. O fundamento de uma nova comunidade, uma nova comunicação, pode ser buscado nas redes sociais. “O Twitter é fantástico para fazer a revolução, mas quando é necessário explicar o programa revolucionário o melhor é usar o Facebook”, disse Castells num evento de lançamento do livro. Seria possível que a transformação, a revolução viria a partir de ferramentas tecnológicas vinculadas a empresas como essas? Na realidade, Castells sugere que as redes sociais, tenham o nome que tenham, estão abertas tanto a ativistas como a ideólogos. Lentamente, nos aproximaremos de um processo de desintermediação comunicativa. A sociedade seria, por fim, capaz de construir seus canais de comunicação sem mediação, pondo fim aos monopólios.

Confiante em uma autocomunicação de massas, numa sociedade disposta a produzir mudanças, Castells não dá crédito a segmentações forçadas, que falam de mundos virtuais e mundos reais. Para ele não há separação, pois vivemos num mundo híbrido. Tudo que fazemos é ao mesmo tempo virtual e físico, real, concreto. Cada vez mais o debate das questões do poder e da comunicação ser fará via Internet. Mas o compromisso (político) se manifestará nas ruas, como bem demonstram os estudantes europeus nesse frio outono que finda no velho continente. Por isso é importante esse espaço público híbrido, fundamental em todas as sociedades. O grande passo, para Castells, está na passagem da esfera institucional para a esfera comunicativa. A luta e o debate políticos acontecem nas redes sociais. A inteligência coletiva, colaborativa, a confiança mútua jogarão uma partida decisiva nesse jogo. Parodiando um velho texto conhecido dos cientistas sociais, a libertação dos internautas será obra dos próprios internautas.



Neamp

Espero que não se passem três anos ou mais para a tradução e publicação dessa obra em nossa língua. Até lá, não só o autor vai ter mudado de ideia, como as próprias ideias mudarão substancialmente. Dentro e fora das redes sociais...